

## **RESENHA SOBRE O LIVRO: QUANDO EU VOLTAR A SER CRIANÇA**

Luciana Lima Ribeiro de Sá<sup>1</sup>  
Leanderson Luiz de Sá<sup>2</sup>

O livro QUANDO EU VOLTAR A SER CRIANÇA, de Janusz Korczak, Editora: Summus editorial, 1926, 140 páginas, é leitura fundamental para todos os que se interessem pelo universo de conhecimentos que atravessam as questões do desenvolvimento humano, da educação, pedagogia, filosofia, psicologia e literatura. Embora o autor seja comumente associado ao campo da Educação Infantil, sua visão sensível e única sobre o universo da criança permite reflexões sobre o mundo adulto e os conflitos sociais etários anulados por educadores pouco sensíveis às complexas e dinâmicas relações entre as crianças. É interessante observar a atualidade do livro que, publicado em 1926, se mostra ainda vivo e relevante em nosso atual contexto de sociedade em 2025.

Destaca-se a maestria da habilidade literária de Janusz Korczak que, de forma proposital, escolhe falar através da criança, e não sobre a criança como boa parte dos pedagogos, psicólogos e tantos outros estudiosos que se destinam ao campo geralmente fazem. Esse elemento revela o nível de imersão que Korczak conseguiu ao longo dos anos de dedicação à Pedagogia. E é neste mesmo nível de imersão que ele lança o leitor em um conto “infantil” capaz de produzir lembranças que permitem reconstruir e recriar eventos sobre a própria vida que tínhamos, até então, incapazes de perceber. Ler “Quando eu voltar a ser criança” é reviver experiências próprias ainda mal compreendidas.

Dividido em cinco partes, esta obra nos conduz pela história de um professor que, diante das frustrações de seu cotidiano, passa a desejar voltar a ser criança. Eis que, magicamente, o sonho se torna realidade e, dotado de sua capacidade cognitiva de adulto, o protagonista revive parte da infância sendo capaz de observar, de maneira crítica, as relações sociais estabelecidas na escola entre as crianças e entre crianças e seus professores. Analisa também as relações familiares, amorosas, de amizades, inimizades, enfim, com esta maestria, esbarra em uma sociologia pedagógica. Chama a atenção a linguagem simples e os diálogos do cotidiano do texto que o tornam acessível a qualquer leitor. Confundindo até com uma narrativa construída realmente por uma criança, o autor, de propósito, escolhe um vocabulário pouco sofisticado. Entretanto, os diálogos carregam significados profundos sobre o sofrimento infantil.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia PUC Minas, 3º Período.

<sup>2</sup> Psicólogo, mestre em Psicologia Social, doutorando.

Arbitrariedade, menosprezo, medo e violência são palavras que resumiriam sentimentos e percepções que se pode esperar dessa leitura. O autor mostra, através da experiência infantil, como os espaços sociais de pertencimento da criança, como a escola e a própria casa, são lugares que, ao contrário do que se proclama, cerceiam o desenvolvimento mais do que o estimulam. Cada minuto vivido em sala de aula pelo protagonista parece um martírio. Ao leitor, a todo instante fica a sensação de que algo ruim acontecerá. Por outro lado, o vislumbre de tempos livres da hipervigilância dos adultos parece ser o ápice da alegria que, por vezes, salta em alguns trechos e páginas. Por exemplo, quando o protagonista explica uma dinâmica da “guerra” de bolas de neve no intervalo entre aulas, fica perceptível este vislumbre com a liberdade.

Assim como “O pequeno príncipe”, obra de Antoine de Saint-Exupéry (1943), “Quando eu voltar a ser criança” é um livro que, por trás da simplicidade, abre portas para a autocrítica e a crítica social, além de provocar a percepção de que caminhamos no sentido errado enquanto sociedade. No campo do cinema, faz lembrar o filme “Quero ser grande”, clássico estrelado por Tom Hanks, em 1988, com viés oposto, pois no longa a criança é quem deseja ser adulta. O filme, por outro lado, ao contrário do livro de Korczak, romantiza a fase da infância. Nesse sentido, seriam duas obras interessantes de serem analisadas em conjunto. Outra referência que nos parece interessante e de contribuição mútua ao livro, é a obra “Vigiar e punir” (1975), de Michel Foucault. Observamos na história do protagonista de “Quando eu voltar a ser criança” o espaço escolar e familiar como instituições em que a vigilância e a punição se fazem constantes, punição, diga-se de passagem, arbitrária e sem chance de defesa e retórica, como afirma o protagonista por diversas vezes, comparando a situação da criança à de criminosos a quem se garante legalmente o contraditório e a ampla defesa.

“Quando eu voltar a ser criança” é livro para ser lido e relido ao longo da vida, pois nos permite corrigir erros de rota em relação às nossas práticas com as crianças. Seja enquanto pessoas comuns: pais, mães e adultos cuidadores, ou como profissionais do campo da Pedagogia e/ou Psicologia, é preciso que cada um de nós desenvolva ao menos uma parcela de empatia, sensibilidade e compreensão sobre a infância que Janusz Korczak procurou nos ensinar.

Importa saber, ao fim da leitura, se voltássemos a ser crianças, feridas seriam curadas ou reabertas ao longo dessa viagem ao passado? Talvez ambas as coisas. Revisitar a infância, com um olhar atento como fez o autor, é também reviver dores ocultadas e medos ignorados pelos adultos ao nosso redor. Porém, seria uma oportunidade de transformá-los em aprendizados e não repetir erros. Talvez, poderíamos deixar de ser uma sociedade que finge

proteger, enquanto, na prática, segue perpetuando as mesmas violências centenárias e, assim, garantir que novas gerações tenham infâncias respeitadas, sejam felizes e carreguem marcas que nunca desejem apagar.